



Artigo: Simpósio Nacional de História (27 a 31/07 – Florianópolis/SC) - ST: História Ambiental: política e sociedade

**Patrimonialização do meio ambiente e turismo:
novos (antigos) usos do mar em Florianópolis/SC**

GISELE PALMA MOSER*

Neste trabalho busco problematizar a cidade de Florianópolis sob os aspectos de salubridade de suas águas e praias que se vinculam à sua historicidade recente. Diante das transformações do século XX, o mar foi ressignificado em seus usos ao receber novas dimensões e apropriações até ser considerado espaço de lazer e veraneio. Entre o desenvolvimento da maricultura e da cidade lazer, projeta-se um lugar relacionado com o mar de diferentes formas, colocando-se como um desafio de interpretação, sendo necessário perceber a cidade em suas pluralidades e singularidades através da interdisciplinaridade. Compreendendo que certos assuntos e objetos necessitam de colaboração entre diferentes disciplinas, a interdisciplinaridade permite uma visão crítica ao questionar os valores, aspectos sociológicos e educativos, dentro da perspectiva apresentada por Héctor Leis em que “a prática da interdisciplinaridade supõe o equilíbrio de dois aspectos, por um lado, uma visão integradora de diversas disciplinas e, por outro, um salto cognitivo que não esteja pressuposto em qualquer somatória de abordagens disciplinares” (LEIS, 2011:110).

Ao compreender a cidade em sua dinâmica urbana e percebendo o cotidiano nas suas entrelinhas, permite-se identificar reinvenções e representações, muitas vezes próximas de outras tantas cidades. Para tal, este artigo trata-se de um início dos estudos que serão desenvolvidos ao longo do desenvolvimento da tese que versará acerca deste tema realizada através do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Ao longo da história vimos que os espaços urbanos passam por alterações e são ressignificados, designados ora por “aformoseamento”, “saneamento”, “higienização” e, mais recentemente, de “revitalização”. Esses termos vão além dos significados das palavras e carregam outros sentidos que impactam diretamente no cotidiano dos moradores ao provocar

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Bolsista CAPES. Mestre em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

novas sociabilidades e alterar os usos dos espaços, dando novos sentidos para cada palavra no seu tempo e transformando os lugares e a cultura do lugar. Estes elementos - mar e praia - passam por novas configurações, a partir da apropriação e ressignificação de antigos usos dos recursos naturais, de tal modo que ocorrem transformações na perspectiva social e ambiental.

A cidade de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina, possui uma área de 433 quilômetros quadrados, com cerca de 420 quilômetros que formam a ilha e treze quilômetros na parte continental que integra o município. Deste território insular, nove quilômetros quadrados da área total foram incorporados através de aterros feitos desde o final do século XIX. O processo de “higienização”, que percorreu boa parte das cidades brasileiras ao longo do século XX, ocorreu com a abertura de avenidas e criação de aterros para novos bulevares, havendo a expulsão dos pobres e dos cortiços das regiões centrais ou de interesse. Uma sequência de fatos que se repetiu diversas vezes ao longo do século. Em Florianópolis, a constituição do centro urbano da cidade se deu ligada à existência de fontes d’água e à orla marítima, com a fixação dos moradores em torno e a partir do largo da Igreja Matriz, acompanhando os caminhos que levavam às fontes até o século XVIII e no século XIX passaram a seguir o mar em direção ao porto. As casas eram construídas de costas para o mar, conforme alguns autores apontam, devido ao vento sul e à praticidade em se jogar lixos e excrementos pela janela (FERREIRA, 1998). Assim, a praia, por muito tempo, servia apenas para receber os despejos da cidade. À medida que a cidade crescia, aumentava também o hábito de jogar o lixo e o entulho nas praias e nos mangues, e dessa forma começavam a surgir os primeiros projetos para aterros na ilha (CECCA, 1996).

No *Jornal do Comércio*, veiculado na cidade de Florianópolis (que então se chamava Nossa Senhora do Desterro) em 18 de janeiro de 1884, aparece um dos primeiros registros com a proposta para se aterrar os terrenos alagadiços da praia do Menino Deus. Conforme o relatório¹ daquele ano elaborado pelo presidente da província de Santa Catarina, Francisco José da Rocha, o intuito do aterro era o de aproveitar a área conquistada ao mar para logradouro público e para edificações, e ao mesmo tempo remover os “esterquilínios” que ali se formavam, além de impedir a continuidade do depósito de lixo no local. Logo, em 1884, começaram os trabalhos para a realização do primeiro aterro da cidade, na Praia da Boa Vista, que se estendia do forte Santa Bárbara até o início da ladeira do Menino Deus, na subida do

¹ Relatório apresentado à Assembleia Legislativa da Província de Santa Catarina pelo presidente Dr. Francisco José da Rocha. Desterro: 20 maio 1888.

morro para o Hospital de Caridade – o qual segue sendo ponto de referência na atual configuração urbana. Muitos aterros foram feitos na sequência, como na região da Prainha (atual SESC), além da canalização dos rios, como do Rio da Bulha² (atual Avenida Hercílio Luz), o que gerou problemas de escoamento das águas de morros próximos. Outros rios foram perdidos desde a segunda metade do XIX quando o cemitério, que antes ocupava os arredores das igrejas, foi transferido para o topo do morro do Vieira - atual cabeceira da ponte Hercílio Luz (ilha) - contaminando as águas da principal vertente que abastecia a cidade. As transformações seguiram na área central da capital catarinense através da implantação do sistema de água encanada (1909), iluminação pública com energia elétrica (1910) e rede de esgotos (1913-17).

Na década de 1940 foi realizado um grande aterro no Largo 13 de Maio, imediações do Hospital de Caridade, nos anos de 1960 foi iniciado o aterro da baía Norte, correspondente a atual avenida Beira-Mar Norte, na década de 1970 foi feito um grande aterro para a cabeceira da ponte Colombo Salles e os 440 mil metros quadrados do aterro da baía Sul, com projeto de urbanização e paisagismo elaborados por Burle Marx, nunca implantados, contemplando áreas de lazer e esportes, correspondente a área atual que abriga o Sacolão, antigo Terminal Urbano, Centro de Eventos (CentroSul) e passarela do samba.

Da sequência de desejos e aterros na região central da cidade, a utilização do mar como estação balneária se deu em lugares mais afastados, sendo a Praia de Fora considerado o local ideal - correspondente hoje à Beira-Mar Norte. Já nas duas últimas décadas do século XIX, os habitantes com maior poder aquisitivo construía na Praia de Fora seus sobrados com a frente voltada para o mar. Eram suas residências de fim de semana, pois a moradia em geral se dava no Centro com seus comércios na mesma casa. Virgílio Várzea afirmava que “poucos lugares no globo possuirão praias tão bonitas e de um desenho mais interessante e caprichoso como as da costa catarinense, tanto na Ilha como no continente”. Considerava a Praia de Fora como “a principal de Florianópolis” e como “a primeira estação balnear da capital, cuja população para aí acode, em parte, na época própria, habitando as casas da beira-mar”. (VÁRZEA, 1985:113-114)

O termo “turismo” começa a ser empregado no final da década de 1940, sendo que antes se falava em “estação de águas” ou “estação balnear” (FERREIRA, 1998). A partir da

² O Rio da Bulha era o maior e mais caudaloso, também conhecido como Fonte Grande, tendo sua nascente no Morro da Boa Vista.

década de 1950, o setor de turismo passa a concentrar boa parte dos investimentos e na década de 1970 consolida-se como um importante meio econômico da cidade. Os financiamentos facilitados através do Banco Nacional de Habitação (BNH) impulsionaram a expansão imobiliária e aos poucos foram sendo criados pequenos núcleos residenciais em áreas destinadas aos turistas. Somente nos últimos oito anos contabilizou-se um crescimento de 53% no número anual de turistas em Florianópolis, conforme dados divulgados pela Santur. Observa-se que ao mesmo tempo em que se registrou o aumento do número de turistas também houve um aumento no número de moradores. Muitos que chegaram até a cidade apenas como visitantes optaram pelo local para fixar residência. Exemplo disso é o aumento significativo no número de habitantes em Florianópolis: em 1980 eram cerca de 190 mil e em 2007 chegou a 400 mil, crescimento superior ao do Estado e do país. O Censo de 2010 apresentou que 51,71% dos moradores de Florianópolis são de outras cidades.³ Ao chegar no século XXI, Florianópolis apresenta um grande crescimento populacional atingindo a marca atual de mais de um milhão de habitantes no conglomerado que compõe a região da Grande Florianópolis.⁴

A demanda do setor de turismo também se deve aos investimentos em propagandas realizados pelo governo do Estado e pela mídia que noticia constantemente as praias de Florianópolis e seus atrativos. Em pesquisa empírica no cenário nacional e internacional percebemos Florianópolis citada como “a capital com melhor qualidade de vida” e Santa Catarina como “melhor destino turístico”. A divulgação da capital passa a ser propagandeada como um dos tantos destinos turísticos internacionais reforçando as suas características naturais. Em 2000, Florianópolis foi eleita como a capital com melhor qualidade de vida do país, pelo Atlas do Desenvolvimento Humano (Pnud), e desde então houve uma maior procura pela cidade. Todos os meses, a capital recebe cerca de mil novos moradores e pelo

³ Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

⁴ Dados do IBGE do Censo Demográfico 2010 indicam a Grande Florianópolis com 1.012.233 habitantes. De acordo com a Associação dos Municípios da Grande Florianópolis, este conglomerado é composto por: Águas Mornas, Alfredo Wagner, Angelina, Anitápolis, Antônio Carlos, Biguaçu, Canelinha, Florianópolis, Garopaba, Governador Celso Ramos, Leoberto Leal, Major Gercino, Nova Trento, Palhoça, Paulo Lopes, Rancho Queimado, Santo Amaro da Imperatriz, São Bonifácio, São João Batista, São José, São Pedro de Alcântara e Tijucas.

menos 20% destes acabam constituindo os bolsões de pobreza.⁵ Alguns migram por uma oportunidade de trabalho e outros em busca da tão propagada qualidade de vida.

Neste contexto, a patrimonialização do meio ambiente insere-se numa perspectiva turística como um processo que se apresenta indissociável das novas estratégias de apropriação e de marketing, onde a cultura, e da mesma forma o meio ambiente, passam a ser uma imagem a ser consumida com um modelo idealizado de espaços urbanos padronizados, ocorrendo uma patrimonialização através das imagens produzidas da cidade (JEUDY, 2005). O *city marketing* passa a ser utilizado como um instrumento das políticas públicas, no qual a representação do espaço passa a mostrar uma imagem ideal da cidade, transformando-a em mercadoria e atuando diretamente nos processos de intervenção para a renovação urbana (SANCHÉZ, 2001:34). Em Florianópolis, o *city marketing* tem se desenvolvido no intuito de atrair novos moradores com maior poder aquisitivo e novos investidores para as áreas de potencial turístico.

A construção de uma nova imagem da cidade, com a valorização dos usos econômicos do patrimônio cultural e a espetacularização do espaço urbano, surge como uma estratégia para a valorização da cidade e impulsão para o mercado turístico. Pensando de acordo com o que propõe Andreas Huyssen, “a imagem da cidade propriamente dita torna-se central para seu sucesso em um mundo globalmente competitivo” (HUYSEN, 2000:100). O termo “revitalização”, que vem vinculado a vários projetos apresentados para a cidade de Florianópolis, conforme aponta Neil Smith, mascara os objetivos da mudança urbana, sendo que “a linguagem da ‘regeneração’ substitui deliberadamente a linguagem simples e honesta da gentrificação⁶” (SMITH, 2006:83).

Existe aí uma tensão entre o meio ambiente e o desenvolvimento do turismo, permeados pelas memórias dos moradores e pelas expectativas dos investidores. Por outro lado, a imagem da cidade é voltada para o lazer e esvaziada das disputas, tornando invisíveis as tensões do cotidiano que hoje constituem a malha urbana fragmentada.

⁵ Projeção feita pela Secretaria Municipal de Urbanismo e Serviços Públicos (SUSP) e Centrais Elétricas de Santa Catarina (Celesc) com base nas ligações de energia elétrica realizadas mensalmente. In: REBEQUI, Aline. Ilha, o paraíso dos migrantes. Notícias do Dia. Florianópolis, 10 out. 2008.

⁶ O termo *gentrification* foi utilizado pela primeira vez por Ruth Glass no início década de 1960, em Londres, compreendendo a transformação da composição social dos residentes (substituição das classes populares por classes médias assalariadas) e um processo de investimento, reabilitação e apropriação das áreas (BIDOUZACHARIASEN, 2006:22).

Na atualidade, o desenvolvimento da maricultura projeta a cidade como grande produtora nacional de ostras e mexilhões, representando 80% no mercado nacional, com uma capacidade de produção de 3,2 mil toneladas por ano.⁷ A maricultura trata-se do cultivo de organismos marinhos, atividade que vem crescendo devido à aplicação de novas técnicas e apresentando-se como uma fonte de renda alternativa à pesca artesanal – que se encontra em declínio frente à pesca industrial. Em Santa Catarina, a principal espécie de ostra cultivada é de origem japonesa, ou do Pacífico (*Crassostrea gigas*), introduzida a partir de estudos feitos no final da década de 1980 pela Secretaria de Agricultura do Estado, através da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (EPAGRI), e pelo Laboratório de Moluscos Marinhos (LMM), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Com o crescimento da cidade concomitante à produção da maricultura, um dos fatores que preocupa e que interfere na qualidade dos moluscos é a poluição, podendo afetar o cultivo e a saúde do consumidor. Para tal, a preservação do meio ambiente está na pauta das discussões dos órgãos envolvidos no desenvolvimento do cultivo na capital catarinense. (BECKER, 2008)

A realização anual da FENAOSTRA (Festa Nacional da Ostra e da Cultura Açoriana) teve início em 1999 sob a organização do Instituto de Geração de Oportunidades de Florianópolis (IGEOF), com o objetivo de divulgar o molusco e ampliar o mercado para os produtores. Na página da prefeitura na internet diz: “O festival é um verdadeiro resgate da gastronomia e da cultura açoriana da Ilha de Santa Catarina”. A afirmação torna-se contraditória diante da presença do cultivo de uma ostra que não é nativa da região e da produção recente somente após o declínio da pesca.⁸ Torna-se necessário problematizar esta naturalização de “resgate” e “cultura açoriana”, cabendo investigar com maior detalhamento esta questão. Hoje, as comunidades produtoras de ostras em Florianópolis concentram-se no Sul da Ilha, sendo a maior no Ribeirão da Ilha, seguida pelas do Norte, em Santo Antônio de Lisboa, Cacupé, Sambaqui e Praia do Forte. (SANTA CATARINA, 2013)

Outro dado que indica a importância da maricultura refere-se aos convênios firmados com países que possuem o mesmo cultivo em seus oceanos. Em 2014, um grupo de pesquisadores da região francesa de Charente-Maritime – maior produtora mundial de ostra – esteve em Florianópolis para conhecer a área de cultivo local. A visita integra um acordo

⁷ Dados disponíveis no site da Prefeitura de Florianópolis:

<<http://www.pmf.sc.gov.br/sites/fenaostra/index.php?pagina=home&menu=0>>. Acesso em 8 jun. 2015.

⁸ Idem.

assinado entre a prefeitura de Florianópolis e a escola Liceu do Mar e do Litoral, de Bourcefranc-le-Chapus, na França, buscando promover o intercâmbio entre os métodos e técnicas aplicadas.⁹ Essa troca indica o destaque da produção catarinense na prática da maricultura, mostrando que o uso do mar ainda pode ir além do consumo local ou nacional.

Referências bibliográficas:

BECKER, Daniella de Sousa Maria. **Diagnóstico da produção de moluscos no município de Florianópolis/SC**. 2008. 121 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis/SC, 2008.

BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine. Introdução. In: BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine (Coord.). **De volta à cidade: Dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos**. São Paulo: Annablume, 2006. p.21-57.

CECCA, Centro de Estudos Cultura e Cidadania. **Uma cidade numa ilha: relatório sobre os problemas sócio-ambientais da Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Insular, 1996.

FERREIRA, Sérgio Luiz. **O banho de mar na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. das Águas, 1998.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JEUDY, Henri Pierre. **Espelho das cidades**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

LEIS, Héctor Ricardo. Especificidades e desafios da interdisciplinaridade nas ciências humanas. In: PHILIPPI Jr, Arlindo e SILVA NETO, Antonio. **Interdisciplinaridade em Ciência, Tecnologia e Inovação**. Barueri, SP: Editora Manole, 2011. p.106-122.

⁹ ROSA, Gabriel. Comitativa francesa visita Florianópolis e busca intercâmbio de técnicas com a maricultura catarinense. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 4 nov. 2014. p. 1-2. Disponível em: <<http://diariocatarinense.clicrbs.com.br/sc/geral/noticia/2014/11/comitativa-francesa-visita-florianopolis-e-busca-intercambio-de-tecnicas-com-a-maricultura-catarinense-4636098.html>>. Acesso em: 08 jun. 2015.

SÁNCHEZ, Fernanda. A reinvenção das cidades na virada de século. **Revista de Sociologia e Política**, nº 16, p. 31-49, jun. 2001. Disponível em:

<www.scielo.br/pdf/rsocp/n16/a03n16.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2010.

SANTA CATARINA. Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina - Epagri. Secretaria de Estado da Agricultura e da Pesca. **Síntese Informativa da Maricultura 2013**. 2013. Disponível em: <http://www.epagri.sc.gov.br/wp-content/uploads/2013/08/Sintese_informativa_da_maricultura_2013.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2015.

SMITH, Neil. A gentrificação generalizada: de uma anomalia local à uma “regeneração” urbana como estratégia urbana global. In: BIDOUE-ZACHARIASEN, Catherine (Coord). **De volta à cidade**: Dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos. São Paulo: Annablume, 2006. p.59-87.

VÁRZEA, Virgílio. **Santa Catarina**: a Ilha. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1985.